

Capítulo 9

Considerações Finais

“Escutar (...) significa disponibilidade permanente por parte do sujeito que escuta para a abertura à fala do outro, ao gesto do outro, às diferenças do outro” Freire (1998: 135).

O baixo grau de proficiência em leitura dos alunos brasileiros e a observação constante dos problemas enfrentados por eles na prática pedagógica nos levaram a tentar compreender como os professores de hoje entendiam o processo de leitura, visto que eles são – além da família e de outras instituições sociais - os responsáveis, dentro da esfera educacional, pela promoção da leitura.

No entanto, como diz Freire (1998), escutar exige abertura por parte daquele que escuta. Exige do ouvinte não só a pré-disposição em acolher idéias, opiniões, crenças diferentes daquelas que possuímos, mas, principalmente, respeito por essas diferenças. O processo de escritura dessa dissertação foi um percurso que envolveu muito conflito entre minhas próprias crenças e o que os professores me mostravam como dado de pesquisa. De minha parte, busquei o tempo todo delimitar um entendimento definido e bem delimitado para a categoria leitura. Tal busca projetava os moldes de um modelo positivista, dentro do qual me constitui como pessoa e cujas premissas criticamos nessa dissertação. Assim sendo, achei que conseguiria encaixar o entendimento dos professores dentro de um modelo pré-estabelecido, tal como delineado no capítulo onde dissertamos sobre o Modelo Psicolinguístico, o Modelo Sócio-Interacional e assim por diante. Isso implica dizer que me recusava a enxergar que as incongruências ou atributos de diferentes modelos poderiam estar comungando e convivendo dentro de uma categoria.

Enfim, enxergar a leitura como uma categoria híbrida foi difícil. Mas foi também libertador. Libertador por ter me permitido a verdadeira escuta – unir predisposição e respeito pelo saber do outro—e por ter me permitido refletir e reelaborar minhas próprias crenças sobre a categoria. A questão não era se os professores estavam certos ou errados ou se viam a leitura dentro desse ou daquele modelo já definido na literatura. Não cabia a mim esse tipo de julgamento. Sim mostrar o que me foi apresentado como atributos da categoria leitura. Tais atributos mostram a leitura como uma categoria complexa, que mescla membros

de vários desses modelos presentes na literatura formando uma categoria híbrida, de caráter múltiplo, de acordo com o contexto de ação e a tarefa apresentada.

9.1 Principais Contribuições

Gostaria de destacar a investigação voltada para o entendimento dos professores sobre o que é leitura. Tentar entender primeiro o que os professores entendem por leitura, para depois, se necessário, possível ou desejável, operar mudanças. Acreditamos que a pesquisa também permitiu reflexão sobre leitura de modo inédito; i.e, da perspectiva dos próprios professores. Avançou um entendimento sociocognitivo de leitura a partir das contribuições do estudo piloto, que conjugou análise do discurso e MCIs para analisar o discurso dos professores. Contribuiu para a etnografia das crenças, além de tomar um viés interdisciplinar e abduutivo, deixando que os dados objetassem e determinassem o passo seguinte.

9.2 Limitações do estudo

Gostaríamos de ter investigado a prática dos professores participantes para que pudessemos observar como as crenças sobre leitura apontadas na análise se refletiam no fazer pedagógico desses professores e como isso viria a influenciar o sistema de crenças de leitura dos alunos.

Ainda outra limitação refere-se às entrevistas: faltou à pesquisadora experiência e calma para retomar questões importantes durante as entrevistas, empobrecendo os dados.

Outro fator que limitou o estudo foi refere-se à falta de abertura na escola de classe alta. A pesquisadora não conseguiu entrada para fazer os protocolos e as entrevistas. Assim, o estudo que previa a participação de um grupo mais representativo da categoria professores ficou prejudicado. Alguns professores optaram por não participar da pesquisa.

Em estudos futuros, poderíamos observar e identificar na prática pedagógica como as crenças desses professores guiam a ação pedagógica, inclusive o processo de avaliação. Além disso, poderíamos investigar qual o impacto das crenças dos professores na formação das crenças dos alunos no que tange a leitura.

9.3 Entendimentos

Vimos que as crenças sobre leitura têm guiado as ações dos professores muito mais que uma teoria ou modelo específico. Apontamos a necessidade do pensar criticamente sobre a própria prática a fim de que nossas crenças não atrapalhem ou neguem ao aluno o direito de ser e se ver como cidadão e agente de mudanças.

Apontamos também a necessidade de desenvolver consciência crítica sobre os atributos da categoria leitura como apontados na análise do discurso dos professores, pois, talvez, a leitura seja híbrida mesmo, com fronteiras pouco delineadas, como defenderia o experiencialismo realista de Lakoff (1987).

No entanto, se o Sistema de Crenças sinaliza uma coisa e o fazer pedagógico outro, os alunos podem sair perdendo. Somente através da reflexão crítica e problematização de questões é que poderemos alinhar o fazer pedagógico ao Sistema de Crenças, pois “não é possível exercer a atividade do magistério como se nada ocorresse conosco” (Freire, 1998: 108).